

## ENSINO EaD NA CONTEMPORANEIDADE: PARA ALÉM DO DEBATE SOBRE DISTÂNCIAS E PROXIMIDADES

Viviane Kate Pereira Ramos <sup>1</sup>  
Ossian Soares Landim <sup>2</sup>

### RESUMO

O referido trabalho pretende analisar a questão do Ensino a Distância (EaD), mediante a perspectiva de duas categorias: distância e proximidade. A partir de tais reflexões, pretendemos levantar apontamentos que possibilitem compreender como se dá o confronto entre o ensino presencial e o não presencial (EaD), discutindo até que ponto essa questão trata-se de uma contradição analítica. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura, dialogando com a concepção do filósofo Martin Heidegger sobre proximidade e distância, a fim de problematizarmos o debate para além da questão sobre metragem. Sobre o ensino EaD, destacamos as contribuições trazidas por Amaral Filho; além de dialogarmos com autores como Paulo Freire, a partir dos conceitos de educação libertadora e pedagogia da autonomia; e o filósofo e sociólogo Pierre Levy, mediante suas importantes contribuições para pensar a ciência da informação e comunicação na contemporaneidade. As reflexões iniciais, trazidas no presente trabalho, buscam contribuir para ampliar as discussões sobre ensino presencial e a distância no contexto contemporâneo onde a educação precisa se (re)inventar em um contexto pandêmico.

**Palavras-chave:** Distância, Proximidade, Ensino a Distância.

### INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade tem sido crescente o debate entorno dos avanços tecnológicos e as novas dinâmicas sociais trazidas com estas, basta pensarmos nas relações sócias e práticas culturais que surgem a partir das redes sociais, jogos online, ensino a distância, entre outros. Por tanto, são significativas as demandas advindas com essas tecnologias e sua inserção nos mais variados espaços cotidianos.

A expansão do ensino EaD no Brasil tem sua maior ocorrência a partir do ano de 2007, quando o Ministério da Educação inicia um processo de facilitação das normativas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Wisdom of Christ University, [viviankate@gmail.com](mailto:viviankate@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutorando do Curso de Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, [prof.ossianlandim@gmail.com](mailto:prof.ossianlandim@gmail.com);

legais responsáveis pela abertura de novos polos EaD, medidas que foram recebidas com grande entusiasmo por grupos de grande destaque neste mercado. Junto a estas mudanças, surgem muitos questionamentos, inseguranças, responsabilidades e a necessidade de dominar os aparatos tecnológicos, dominar as dinâmicas sociais e culturais que são formadas nos espaços de convivência on-line para conseguir ser incluído.

Assim, destacamos que o escopo desta pesquisa está centrado na problematização do debate entorno da oposição entre *distância* e *presença*, tidos enquanto aspectos definidores para medir a qualidade de uma em detrimento da outra, para tanto, iremos dialogar com o debate filosófico do Heidegger sobre *distância* e *proximidade* presente na obra “Ser e Tempo”.

A pesquisa realizada por Rhoberta Santana de Araújo e Edineide Jezine traz importantes problematizações sobre a expansão do ensino à distância no Brasil mediante dados disponibilizados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Além dos autores já citados, estaremos dialogando com as contribuições do Pierre Levy e do filósofo e educador brasileiro, Paulo Freire.

Consideramos que o diálogo entre as reflexões dos referidos autores possibilita entender a importância das questões socioculturais para o desenvolvimento e análise das problematizações aqui levantadas, tendo em vista que a partir deles identificamos questões importantes entorno da crescente busca pela modalidade de ensino à distância na sociedade atual, sendo essa, muitas vezes, escolhida majoritariamente por segmentos populares.

Sendo assim, buscamos compreender as seguintes indagações: Qual modelo de educação pode ser classificada como boa?; diante de um cenário de intensos avanços tecnológicos, como a educação pode estruturar suas práticas e metodologias para se adaptar as novas demandas contemporâneas, sejam elas políticas, econômicas ou sociais?

Portanto, debater a EaD na sociedade contemporânea, levantando os questionamentos aqui presentes e os demais que surgirem posteriormente, possibilita ao público interessado na temática, ampliar seu repertório argumentativo; ao mesmo tempo, lança outras perspectivas que venham a enriquecer as pesquisas na área da educação, algo fundamental em um momento histórico onde a pandemia iniciada em 2019, causada em decorrência da covid-19, exigiu e está exigindo uma forte mobilização do setor educacional, seja para atender a demanda do alunado ou para oferecer subsídios

intelectuais para aqueles que precisaram se enquadrar as demandas do mercado de trabalho.

## 1. METODOLOGIA

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa é classificada como exploratória, pois, “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” (GIL, 1999, p. 41).

Quanto aos procedimentos técnicos, a partir da pesquisa bibliográfica realizamos a coleta de dados a partir da seleção de bibliografias que dialogassem com os objetivos propostos na nossa pesquisa, ou seja, o ensino a distância na contemporaneidade a partir das categorias distância e proximidade; também foi realizado o mapeamento do material oriundo do levantamento bibliográfico nos bancos de dados do Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica ajuda a ampliar o conhecimento sobre um determinado objeto de pesquisa, a ter um maior domínio e conhecimento acerca do assunto. Assim, foi possível sintetizar a bibliografia a partir dos aspectos teóricos passíveis de dialogar com as necessidades oriundas do tema, dos objetivos, da problemática, metodologias, das hipóteses conclusivas, além de possibilitar relacionar o lugar institucional ocupado pelo escritor e o campo da pesquisa.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, destacamos uma importante reflexão sobre o que Pierre Levy chama de *ciberespaço* para que posteriormente adentremos no debate sobre distâncias e proximidades alinhados ao debate do ensino a distância. De acordo com o Levy (1999, p. 15), “O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”, assim, pode-se perceber que é necessário entender a complexa rede que permeia o campo da educação a distância, pois além de precisarmos considerar o acesso a infraestrutura material, o desenvolvimento das habilidades para manuseá-las.

Também, faz-se importante compreender, as tramas que permeiam a dinâmica entre o acesso as informações disponíveis no ciberespaço e as práticas que envolvem os usos dessas informações e as relações que envolvem a diversidade de indivíduos que se encontram nele, é a partir destas reflexões que iniciamos as problematizações a seguir.

## 2.1 PRESENCAS E DISTÂNCIAS EM CONTEXTO DE ENSINO EaD

Tende-se a analisar o ensino a distância mediante afirmações que destacam aspectos positivos ou negativos, desconsiderando a complexidade de fatores econômicos, culturais e sociais que permeiam o debate, reduzindo a questão a argumentos pautados em alegações que apontam a inferioridade desta modalidade de ensino devido à falta de contato direto entre professores e alunos; por outro lado, destacam-se as vantagens deste em decorrência da praticidade de realizar as atividades de maneira síncrona e assíncrona há qualquer hora e lugar que tiver disponibilidade.

É aí que a EaD se populariza e ganhando espaços cada vez maiores e, com esse crescimento, também aparecem questionamentos quanto a qualidade do ensino a distância, tendo em vista a ausência de interação pessoal, em sala de aula, entre alunos e professores.

De acordo com dados trazidos por Rhoberta Santana de Araújo e Edineide Jezine, destacamos que,

Os dados mais recentes do Censo da Educação Superior indicam o cenário de franca expansão da modalidade, no Brasil. O número de ingressantes em cursos de graduação no formato à distância correspondeu a 40% do total de ingressos em 2018. Esse percentual foi de 19,8%, no ano de 2008. No período compreendido entre 2008 e 2018, as matrículas nos cursos de graduação a distância apresentaram um aumento percentual de 182,5% (INEP, 2019). Em contrapartida, em cursos presenciais, o crescimento, no mesmo recorte temporal, foi de apenas 25,9%. Em relação a vagas ofertadas, pela primeira vez na história, a EaD superou a modalidade presencial. Foram 7,1 milhões de vagas atribuídas a cursos a distância contra 6,4 milhões, nos cursos presenciais. (ARAÚJO; MESQUITA ARAÚJO, p. 06, 2021)

Os dados disponibilizados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) apontam que o número de estudantes de graduação optando pelo o ensino EaD vem sendo acentuadamente superior ao número de interessados no ensino presencial; o levantamento ainda destaca que desde 2018 o número

de vagas ofertadas pelas instituições de ensino superior na modalidade a distância, em relação a quantidade de vagas disponibilizadas pelos cursos presenciais, vem sendo maior que essa última.

É nesse contexto que o autor Fausto dos Santos Amaral Filho desenvolve em seu artigo intitulado “Presença distante, distância presente: Uma reflexão sobre a EaD” um importante debate sobre a presença da educação a distância na sociedade atual e as críticas entorno da mesma. Dentre as questões importantes, o autor busca delinear como a sociedade, e ainda mais especificamente o âmbito da educação, tem lidado com a questão da *proximidade na distância* trazida pela EaD, tendo em vista que a tecnologia na medida em que veio para trazer praticidade para realizar tarefas cotidianas, também gerou a necessidade de realizarmos tarefas numa velocidade e quantidade maior, evidencia uma demanda cada vez crescente do mercado de trabalho por encontrar indivíduos cada vez mais disponíveis para realizar suas funções.

Vale destacar que estas funções já não se encontram tão delimitadas e centralizadas como antes, além disso, a necessidade de estar cada vez mais qualificado para atender as demandas do mercado é uma questão que vem tornando-se importante, para quem deseja adentrar ou permanecer no setor educacional, além de exercer um papel fundamental na vida profissional daqueles que anseiam por progredir nesse mercado cada vez mais competitivo e exigente.

Diante do exposto anteriormente, Amaral Filho, realiza uma reflexão filosófica sobre as categorias *distância* e *proximidade* sob a ótica da antologia heideggeriana, o que trouxe importantes contribuições ao debate, pois permitiu distanciar as análises dos discursos superficiais e levá-lo para um nível de discussão que permitisse desvelar a complexidade presente na temática. Segundo ele, “No modo próprio de perfazer-se humano, não há presença que não comporte distância, não há distância que não comporte presença.” (AMARAL FILHO, 2017, p.13), pois como o autor já destaca, na dinâmica social o ser humano partilha de situações onde precisa lidar com a presença das duas, tendo em vista que estar presente fisicamente não implica uma presença real.

De acordo com Martin Heidegger, “ser-junto” não implica uma proximidade espacial, na verdade, “ser-junto” ao mundo está relacionado a dinâmica que exercemos no mundo ao nos relacionarmos com ele e, conseqüentemente, transformando-o e, até mesmo, descortinando suas nuances.

[...] Por vezes, sem dúvida, costumamos exprimir com os recursos da língua o conjunto de dois entes simplesmente dados dizendo: ‘a mesa está junto à porta’, ‘a cadeira’ ‘toca’ ‘a parede’. Rigorosamente, nunca se poderá falar aqui de um ‘tocar’, não porque sempre se pode constatar, num exame preciso, um espaço entre a cadeira e a parede, mas porque, em princípio, a cadeira não pode tocar a parede, mesmo que o espaço entre ambas fosse igual a zero. Para tanto, seria necessário supor que a parede viesse ao encontro ‘da cadeira’. Um ente só poderá tocar um outro ente simplesmente dado dentro do mundo se, por natureza, tiver o modo do serem, se, com sua presença, já se lhe houver sido descoberto um mundo. Pois a partir do mundo o ente poderá, então, revelar-se no toque e, assim, tornar-se acessível em seu ser simplesmente dado. Dois entes que se dão simplesmente dentro do mundo e que, além disso, são em si mesmos destituídos de mundo, nunca se podem ‘tocar’, nunca um deles pode ‘ser e estar junto ao ‘outro’. (HEIDEGGER, 1997, § 12, p. 93).

Primeiramente, precisamos esclarecer que *presença* não está empregado aqui como uma situação espacial, mas como um *modo de ser humano* ou modo de ser do homem; isto porque muitas traduções da obra “Ser e Tempo” traduzem o conceito de *Dasein* enquanto *presença*, ocasionando compreensões equivocadas acerca do conceito, tendo em vista a inexistência de uma palavra que consiga abranger toda a complexidade conceitual da palavra alemã *Dasein*. Tendo compreensão deste primeiro ponto, devemos entender que “o serem é, pois, a expressão formal e existencial do ser do *Dasein* que possui a constituição ontológica de ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 1997, § 12, p. 92).

Tais considerações nos leva as seguintes conclusões: o homem como *Dasein* está/habita o mundo e será a parti dele que nessa dinâmica de *estar junto a* que o mesmo manterá relações e irá transformá-lo, resultando em seu “revelar-se”, portanto, só o *Dasein* pode “*ser-junto*” ao mundo.

Mediante o exposto, fica claro que o “ser-junto” não significa está “*ao lado de*” ou “*colado a*”, implicando uma relação espacial que signifique um “aqui e agora” que reduza o *Dasein* a uma estrutura material-presente, pois ele habita o poder-ser, do ainda-não; logo, o homem também é o que poderá vir a ser, em outras palavras, suas possibilidades; “compreender é modo de ser da presença em que a presença é as suas possibilidades enquanto possibilidades.” (HEIDEGGER, 1927/2006, p. 206), assim, o homem enquanto ser existencialmente antológico é a partir da interação com outros homens, é nesse mundo compartilhado que temos o ser-com, e isso vai além de sua materialidade.

Assim, aplicando o pensamento do filósofo Martin Heidegger ao presente debate, entendemos que a linguagem em suas múltiplas formas é uma ferramenta importante, pois mediante a ação do homem é possível estar distante espacialmente, mas próximos por *Ser-junto*. Sobre a questão, Amaral Filho expõe:

se ainda continua valendo a velha fórmula grega que define o humano que habita em nós – *Anthropos kai zoon logon* -, o homem é o ser da linguagem (lógos), e essa, por sua vez, é o aberto que se instaura no jogo intercambiável entre o presente e o distante, constituindo-nos enquanto tal. (AMARAL FILHO, 2017, p.14)

Com isso, o *ser-em* do Dasein, havendo a comunicação e escuta ativa, o ser humano pode ser agente transformador. Entendemos que este esforço desprendido pelo Amaral Filho (2011) foi fundamental para lançar novas perspectivas frente ao debate e avançar nestas discussões, pois como o autor destaca, os debates acalorados imbuídos do desejo de defesa de seus argumentos pessoais, está mais próximo da postura de torcidas rivais em um estádio de futebol onde cada grupo tenta convencer que seu time é melhor que o outro, fazendo-nos crer que estamos diante de uma *contradição analítica*, pois a questão nos é apresentada de tal forma que opõe *educação presencial* versus *educação não presencial*.

## 2.2 TRATA-SE DE UMA “CONTRADIÇÃO ANALÍTICA?”

Sobre o exposto até aqui, fica a seguinte indagação: se o debate sobre a qualidade das duas modalidades de ensino aqui tratadas não deve se resumir ao debate sobre *distância* e *presença*, pois estes dois conceitos não se apresentam de maneira tão limitante e centralizada; então, quais aspectos devem ser levantados de maneira que possa trazer contribuições para pensarmos melhorias para a educação brasileira diante do cenário que contemporâneo?

*A priori* devemos fazer algumas considerações sobre a educação, entendendo que a busca por uma formação do indivíduo, para além do domínio de ferramentas técnicas que lhe possibilite estar inserido no mercado de trabalho, não é um problema exclusivo da nossa sociedade, em outros períodos da história da civilização ocidental outras sociedades já denotaram preocupação frente a perspectiva educacional centrada na formação do ser humano para exercer uma função, por isso, buscaram alcançar um

modelo educacional que formação o homem integralmente, para que o cidadão pudesse atuar como agente transformador no seu meio social, é o caso da civilização grega.

A Paideia grega, ou seja, a formação integral do homem grego, é o exemplo que iremos destacar aqui, a partir dela os gregos expressavam o anseio por formar indivíduos não apenas capazes de dominar conteúdos, mas também, cidadãos que participassem da vida pública, que fossem capazes de tomar decisões embasadas por uma conduta ética e moral.

Vale destacar que esta concepção só toma a dimensão integral da educação a partir do século V a.C., pois é nesse período em que a educação deixa de formar o homem grego e passa a formar o *cidadão grego*, embora este modelo continue servindo aos interesses dos indivíduos do sexo masculino, livres e economicamente favorecidos. Como afirma Werner Jaeger, grande estudioso da cultura grega,

[...] o conceito, que originalmente designava apenas o processo da educação como tal, estendeu ao aspecto objetivo e de conteúdo a esfera do seu significado, exatamente como a palavra alemã *Bildung* (formação) ou a equivalente a latina *cultura*, do processo da formação passaram a designar o ser formado e o próprio conteúdo da cultura, e por fim abarcaram, na totalidade, o mundo da cultura espiritual: o mundo em que nasce o homem individual, pelo simples fato de pertencer ao seu povo ou a um círculo social determinado. (JAEGER, 1986, p.245).

Já realizando as devidas ressalvas a respeito dos anacronismos históricos, pontuo que o mais importante para a presente pesquisa é considerar que o autor busca destacar, a partir de um fato histórico pertencente a uma civilização com tamanha importância para a formação da cultura ocidental, como é o caso da civilização grega, como já nesse período detonava-se preocupação em desenvolver uma formação completa do indivíduo de maneira integral, isto porque a mesma vai além da instrumentalização ou preparação do indivíduo para desenvolver uma dada função ou atividade, esta formação visa o desenvolvimento fisiológico e histórico-cultural, e conforme as escolhas do indivíduo.

Mas, ainda não é bem isso que ocorre em nossa sociedade, pois as discrepâncias econômicas, políticas e sociais não permitem que todos possuam as mesmas oportunidades, na verdade, ainda hoje muitos jovens precisam ingressar no mercado de trabalho cada vez mais cedo, o que acaba resultando em diversos problemas sociais e econômicos, como a falta de mão de obra qualificada, baixos salários e a interrupção da formação educacional de muitos brasileiros, ou seja, o problema da evasão escolar vem



se tornando uma realidade preocupante que evidencia as discrepâncias econômicas e sociais, pois os mais prejudicados são os jovens das camadas populares.

É nesse contexto onde a educação EaD on-line vem ganhando espaço, por possibilitar maior dinamismo para acessar o ambiente de estudos e flexibilização de horários; possibilitando que mesmo a distância o indivíduo possa dar continuidade a sua formação através de cursos de graduação, pós-graduações, cursos de capacitação, idiomas, dentre outros.

No entanto, surgem diversas críticas que questionam a qualidade desse modelo de ensino sob o argumento de que a ausência de contato direto entre professor e aluno em sala de aula não oferece uma boa qualidade a essa formação, no entanto, como bem destaca o autor Amaral Filho, tratar uma preposição universal enquanto uma *verdade* incontestável, seja sob uma ótica afirmativa ou negativa, já é um grande obstáculo para avançarmos na discussão.

A filósofa brasileira Viviane Mosé apresenta uma importante discussão acerca do lugar da escola em um contexto educacional tão incerto quanto é o cenário apresentado na contemporaneidade. Sobre a questão da educação em um contexto de avanço tecnológicos, a mesma considera que,

Havia previsibilidade quando o que era oferecido na formação profissional se adequava ao mercado de trabalho. Essa estabilidade, que de modo absoluto nunca existiu, deu lugar a uma relação de incertezas. Hoje as mudanças tecnológicas inserem inovações que exigem sempre novos saberes, novas habilidades. O que faz com que durante a vida seja preciso mudar algumas vezes de qualificação e construir novas competências. Além de o imenso volume de conteúdos e conhecimentos disponíveis causar a rápida e inevitável desvalorização dos antigos conteúdos adquiridos e tornar rapidamente obsoleto uma formação universitária, por exemplo. (MOSE, 2013, p.54).

Com isso, é preciso considerar que o panorama educacional contemporâneo apresenta intensas modificações resultantes das perspectivas econômicas, sociais e culturais geradas pela globalização, hoje vivemos a era digital marcada pela velocidade instantânea da transmissão de informações, possibilitando a comunicação direta entre as pessoas, transpassando as barreiras linguísticas, sem limite de tempo e espaço. Não sabemos até onde os avanços tecnológicos vão nos levar, mas é fato que vivemos a quarta revolução industrial, cabendo aos profissionais buscar se inserir em um mercado acirrado e que ainda exige um investimento significativo para poder usufruí-lo, e nem todos que

conseguem fazer esse investimento em sua formação terão lugar nesse mercado tão competitivo.

O profissional que se destaca possui o diferencial de criar meios eficientes de gerar e compartilhar informações, saber oferecer soluções para as mais diversas questões, tendo em vista que aqui já não se enquadra o profissional que atua em uma única função. Estas demandas apontam outro problema para a educação brasileira, a falta de recursos e outras políticas de incentivo à pesquisa e à ciência, e neste sentido, já nos deparamos com uma grande barreira com a qual o Brasil precisa lidar em caráter de urgência: o sucateamento da educação que já era um problema debatido entre cientistas sociais, educadores e outros setores sociais, mas que veio se tornando alarmante nos últimos anos.

Logo, é preciso entender que o debate *EaD* versus *presencial* não se trata de uma contradição analítica, pois se assim fosse, seria possível afirmar que *todo* ensino presencial é melhor que o ensino EaD, no entanto, é possível afirmar com certeza absoluta que toda educação presencial é boa? Se por um longo período acreditávamos que só o professor e o livro didático eram necessários para obter e desenvolver conhecimentos, a internet e os aparatos tecnológicos possibilitam acesso às informações sobre os mais variados assuntos, pois com a disponibilidade de uma diversidade de documentos surgem os mais variados posicionamentos, esse panorama propicia a formação do que Pierre Levy denomina *cibercultura*:

[...] ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999, p. 15).

Sendo a verbalização uma característica tão importante para o desenvolvimento do ser humano, sendo esta, um ato de autorrevelação permitindo-nos comunicarmos realizando trocas de ideias, sentimentos em sociedade, lutar contra o silenciamento elitista que ainda é tão predominante no sistema educacional do Brasil, exigir políticas públicas que atuem efetivamente frente as diferenças econômicas, raciais, étnicas, de gênero e que respeitem a neurodiversidade.

Marcelo Fabri, a partir da filosofia de Heidegger, afirma que "a ressonância verbal elimina a distância e traz proximidade" (s.d., pg. 56), logo, ela é uma estrutura importante para tornar possível a proximidade entre os indivíduos, ou será que essa dinâmica só é possível se as matérias físicas estiverem próximas?

Se a resposta para o questionamento anterior for positiva, como explicar a necessidade de avançarmos na luta por equidade no âmbito das políticas públicas de educação? Portanto, faz-se importante compreender que aqui não cabe generalizações nem discursos superficiais, daí não cairmos no erro de afirmar, também, que todo ensino EaD é bom, o mais construtivo para enriquecer o debate, como já aponta Amaral Filho: “mas qual educação presencial é boa?, tanto quanto, mas qual EaD é boa?” (2017, pg. 42), entendemos aqui que o fundamental é pensar em um modelo educacional que pretenda ser libertadora e estimule a autônoma do indivíduo.

Segundo Paulo Freire (1996, p.59), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um fator que podemos ou não conceder uns aos outros”, pois uma educação que não leva em consideração as especificidades presentes nas diversidades sociais, econômicas, culturais e de gênero, pode oferecer uma proximidade espaço-temporal, mas não alcançará a proximidade didático-pedagógica necessária para superar modelos que atenderam aos interesses das classes dominantes, como foi, o escolanovismo e o tecnicista, que visavam instruir as massas para exercer apenas suas tarefas no mercado de trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estar perto fisicamente não necessariamente é garantia de desenvolvimento e aprendizado, assim como a proximidade proporcionada pelas redes sociais e suas estruturas tecnológicas também não são sinônimas de aproximação, pois só a inovação tecnológica não melhora a qualidade do ensino, nem nos aproxima, os estudos da psicologia comportamental já evidenciam isso.

Mas, nos dois casos onde tratamos a educação, a distância e presencial, o mais importante é tratarmos da necessidade de estimular os alunos a desenvolverem sua autonomia e possibilitar uma formação integral que respeite as histórias dos alunos, manter um sistema educacional que privilegia a história e cultura das classes dominantes, reservando as massas uma educação que lhes descaracterizem como indivíduos de potencialidades a fim de lhes ofertar uma “formação” instrucional visando a disponibilidade de mão de obra para o mercado de trabalho não vai solucionar a realidade educacional do país.

Nesse sentido a educação EaD pode trazer grandes contribuições ao possibilitar a formação contínua de muitos indivíduos que precisam ingressar ou se manter no mercado de trabalho, além disso, trazer chances reais destes alcançarem melhores posições profissionais em suas áreas de atuação. Para que isto ocorra, formação e instrução são importantes para professores e alunos, ambos podem possibilitar autonomia e abertura para que as diversidades possam construir e inserir suas culturas e demandas socioeducacionais, dialogando com a realidade histórica, social e cultural que vivemos na contemporaneidade, pois mais do que igualdade, é preciso falarmos de equidade de direitos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, F. S. **Presença distante, distância presente: uma reflexão sobre a EaD.** In: Educação a distância (EaD): reflexões críticas e práticas. Maria de Fátima Rodrigues Pereira; Raquel de Almeida Moraes; Teresa Kazuko Teruya (Orgs). Uberlândia: Navegando Publicações. 2017.

ARAÚJO, R. S.; MESQUITA ARAÚJO, E. J. **A Expansão da Educação a Distância no Brasil e as Contradições Entre Capital e Trabalho.** Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8659964/26458>. Acesso: 18 de agosto de 2021.

FABRI, M. **Distância e Proximidade:** Levinas e a Hermenêutica. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 3 n. I, p.53-68. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21727/11795>. Acesso em: 21 jan. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1999.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** 6 ed. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes, 1997.

JAEGER, W. **Paidéia:** a formação do homem grego. São Paulo, Martins Fontes. 1986.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo, Trad.: Carlos Irineu da Costa. Editora 34, 1999.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos.** 1. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.